

## LEVANTAMENTO FLORÍSTICO DE UM TRECHO DE MATA RIPÁRIA NO MÉDIO OESTE POTIGUAR DO RN

Marcell Platini de Azevedo Vilar<sup>1\*</sup>; Francisco Tállisson da Costa Melo<sup>1</sup>; Ramiro Gustavo Valera Camacho<sup>2</sup>; Diego Nathan do Nascimento Souza<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Laboratório de Ecologia e Sistemática vegetal; <sup>1</sup>Departamento de Ciências Biológicas; <sup>1</sup>Universidade Estadual do Rio Grande do Norte; Email: [marcelplatini@hotmail.com](mailto:marcelplatini@hotmail.com)

A exploração e degradação das florestas nativas resultaram em um conjunto de problemas ambientais, como a extinção de espécies da fauna e flora, eutrofização, mudanças no clima local, além do assoreamento dos cursos d'água (Ferreira & Dias 2004). Além disso, nos dias atuais, é tendência mundial a crescente preocupação com a conservação dos recursos naturais, que requer a adoção de novas posturas frente à natureza, motivando a busca por conhecimentos que promovam a sustentabilidade dos recursos por ela ofertados (Lacerda et al. 2003).

As florestas ripárias ou ripícolas são formações vegetais extremamente importantes em termos ecológicos, sendo essenciais para a manutenção da qualidade da água dos rios, lagos e demais ambientes aquáticos, funcionando como áreas de transição entre os ecossistemas terrestres e aquáticos, com espécies típicas das formações vegetais onde estão inseridas, estando presente em todos os domínios paisagísticos do Brasil (Kipper et al. 2010; Martins 2011).

Quando se trata desse tipo de ecossistema no bioma caatinga, Araújo e Ferraz (2003) alertam para o fato de que este apresenta áreas degradadas florística e estruturalmente, em que várias espécies vegetais são usadas para diversas finalidades, como forragem para o gado, construção civil, produção de energia e tratamento de enfermidades (Ferraz et al. 2005). Em muitos casos constituem os últimos remanescentes florestais das propriedades rurais (Silva et al. 2012).

Sendo assim, o referido trabalho teve como objetivo inventariar um trecho de mata ripária na mesorregião do Oeste Potiguar na cidade de Mossoró RN, pretendendo aumentar o conhecimento, bem como os estudos desses ecossistemas tão pouco estudados e preservados no bioma caatinga. E, por fim, tentar subsidiar sua conservação.

O presente estudo foi realizado ao longo de um trecho de 100 m de vegetação no leito e cerca de até 20 metros de distância das margens do Rio Apodi-Mossoró, totalizando dois hectares inseridos no parque municipal na cidade de Mossoró. Trata-se de um rio perene que corta a cidade de Mossoró. Sua bacia hidrográfica possui uma área total de 14.276 km<sup>2</sup>. Apresenta uma vegetação ciliar arbórea-arbustiva aberta, como também de herbáceas inseridas no bioma caatinga.

As coletas ocorreram nos meses de outubro e novembro de 2017, totalizando duas coletas, através de caminhadas no trecho selecionado. Os procedimentos de coleta, prensagem e herborização do material botânico seguem a metodologia proposta por Judd et al. (2009) e IBGE (2012). Os procedimentos de coleta, prensagem e herborização do material botânico seguem a metodologia proposta por Judd et al. (2009) e IBGE (2012). A identificação dos táxons foi feita a partir de observações morfológicas das estruturas vegetativas e reprodutivas.

A lista florística elaborada seguiu o sistema de classificação do APG IV (2016), e em relação aos hábitos foram dispostas em arbórea, arbustos, subarbustos e herbáceas.

A maior riqueza da vegetação ripária da região semiárida é também ratificada no trabalho de Miranda & Silva (1989). Outros autores como Rezende (1998) discutem que a vegetação presente ao longo dos corpos d'água apresenta um elevado número de espécies como *Calotropis procera* (Aiton) R. Br., *Croton lobatus* L, *Waltheria* sp. e *Azadirachta indica* A. Juss, sendo este superior ao encontrado em outras formações florestais. Assim, observa-se a grande diversidade de famílias encontradas em um pequeno trecho do rio, denotando grande riqueza de sua flora, o que pode levar a conscientização de sua preservação e conservação.

Conclui-se que o levantamento florístico realizado nesse fragmento de área ripária dentro do bioma caatinga, mostrou grande variabilidade no número de famílias. Tais informações poderão ser utilizadas para comparativos de avaliação de aspectos/impactos e estimativas de cenários para licenciamento ambiental na referida e demais regiões onde se encontra esse tipo de floresta.

**Palavra-chave:** Conservação, Caatinga, Levantamento, Mata ciliar, Mossoró-RN.

#### **Referências:**

APG IV. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. Botanical Journal of the Linnean Society, p. 1-20, 2016.

ARAÚJO, E. L. & FERRAZ, E. M. N. 2003. Processos ecológicos mantenedores da diversidade vegetal na caatinga: estado atual do conhecimento. In: CLAUDINO SALES, V. (Org.) Ecossistemas brasileiros: manejo e conservação. Fortaleza, Expressão Gráfica, p. 115-128.

FERRAZ, J. S. F., MEUNIER, I. M. J. & ALBUQUERQUE, U. P. 2005. Conhecimento Sobre Espécies Lenhosas Úteis da Mata Ciliar do Riacho do Navio, Floresta, Pernambuco. Zona árida, 9: 27-39.

FERREIRA, D. A. C. & DIAS, H. C. T. 2004. Situação atual da mata ciliar do Ribeirão São Bartolomeu em Viçosa, MG. R. Árvore, 28(4): 617-623.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2012. Manual técnico da vegetação brasileira. 2ªed. Rio de Janeiro: IBGE. 275p.

JUDD, W. S., CAMPBELL, C. S., KELLONGG, E. A., STEENS P. F. & DONOGUE, M. J. 2009. Sistemática Vegetal: um enfoque filogenético. 3. ed. Porto Alegre: Artmed. 362p.

LACERDA, A. V., WATANABLE, T., LIMA, M. J. A. & BARBOSA, F. M. 2003. Inventário exploratório da mata ciliar do Açude Taperoá II: um subsídio para a sustentabilidade dos recursos naturais na bacia hidrográfica do Rio Taperoá, no semi-árido paraibano. Brasil Florestal. 22(77): 43-49.

KIPPER, J, CHANBÓ, E. D., STEFANELLO, S. & GARCIA, R. C. 2010. Levantamento florístico de um componente arbóreo de Mata Ciliar do rio Paraná, Marechal Cândido Rondon, PR. *Scientia Agraria Paranaensis*. 9(1): 82-92.

MARTINS, S. V. 2011. *Recuperação de Matas Ciliares*. 2ª Ed. Viçosa: Editora Aprenda Fácil, 255 p.

MIRANDA, E.E. & SILVA, G.C. 1989. Ecologia da vegetação de matas ciliares nas depressões inundáveis do semi-árido brasileiro. Pp 192-212. In: *Anais do Simpósio sobre Mata Ciliar*. Fundação Cargill, Campinas. 335p

SILVA, I. C., OLIVEIRA, R. M. & SILVA, T. F. 2012. Evidências da degradação ambiental na mata ciliar do Rio Itapororoca, no município de Itapororoca/PB. *Revista Geonorte, Edição Especial*, 1(4): 663-675.

Rezende, A.V. 1998. Importância das matas de galeria: manutenção e recuperação. Pp 3-16. In: J.F. Ribeiro, (ed.). *Cerrado: matas de galeria*. EMBRAPAC/PAC, Planaltina. 164p.